

## “Jornalista-fala”

### Consequências dos ataques à imprensa na rotina dos profissionais da informação

Gabriel Landim<sup>1</sup>

#### Resumo

Veículos de comunicação e jornalistas adaptaram as rotinas produtivas em prol da segurança das equipes de reportagem, após o assassinato de Tim Lopes (Ramos; Paiva, 2017) e, mais recentemente, diante de ataques com motivações políticas e alimentados nas redes sociais digitais pelo que se entende como o Quinto Poder (Dutton, 2009). Por meio de entrevistas (Garrett, 1981; Seidman, 1991), bibliografias e pesquisa documental (Fonseca, 2002), buscou-se entender os reflexos dos diferentes tipos de violência nas rotinas pessoal e profissional de jornalistas da TV Globo e afiliadas, frequentemente atacados nos últimos anos. Concluiu-se que a violência contra a imprensa provocou mudanças na busca por notícias e nas gravações rotineiras. Os profissionais também tiveram suas vidas e relações interpessoais afetadas pelo medo e pela desconfiança.

Palavras-chave: Violência contra a imprensa. Entrevista. Rotina de reportagem.

11

#### “Journalist-speak”: consequences of attacks on the press on the routine of information professionals

#### Abstract

Communication companies and journalists adapted their production routines in favor of the safety of reporting teams after the murder of Tim Lopes (Ramos and Paiva, 2017) and, more recently, in the face of politically motivated attacks fueled on digital social networks by what understood as a Fifth Power (Dutton, 2009). Through interviews (Garrett, 1981; Seidman, 1991), bibliographic surveys, and documentary research (Fonseca, 2002), sought to understand the consequences of different types of violence in the personal and professional routines of journalists at TV Globo and affiliates, frequently attacked in recent years. It was concluded that violence against the press led to changes in the search for news and routine recordings. The lives of professionals were affected by fear and distrust.

Keywords: Violence against the press. Interview. Reporting routine.

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA) da UFJF. Jornalista, repórter na TV Integração afiliada Globo em Minas Gerais. E-mail: [gabriellandim@outlook.com](mailto:gabriellandim@outlook.com).

## Introdução

A violência contra a imprensa provocou reflexos no processo de produção da notícia. Do mesmo modo, jornalistas passaram a lidar, sobretudo nos últimos anos, com o peso da violência em suas rotinas — durante o trabalho ou não. Desde o assassinato de Tim Lopes em 2002, como apontam os estudos de Ramos e Paiva (2007), até os casos mais recentes de violência contra jornalistas, registrados principalmente a partir de 2013 sob a ótica das motivações políticas, veículos de comunicação têm promovido adaptações na rotina da reportagem. Desde equipamentos e veículos sem identificação da emissora, até mudanças no formato e nos modos de captação, foram várias as ações para proteger jornalistas e garantir o cumprimento da missão de informar.

Com o fortalecimento dos ataques com motivações políticas nos anos de 2020 e 2021, quando recordes consecutivos foram registrados pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), veículos de comunicação lançaram mão de estratégias para defender o Jornalismo, sobretudo diante de ataques relacionados à pandemia da Covid-19. A TV Globo, por exemplo, foi acusada de causar um alarmismo intencional sobre a doença. Ao mesmo tempo, os próprios jornalistas passaram a criar métodos de defesa no trabalho diário da reportagem, ao mesmo tempo que aprenderam a lidar com a insegurança e o medo em suas rotinas.

Diante das inúmeras possibilidades permitidas pela internet, o público conectado — chamado por Dutton (2009) de Quinto Poder — passou a ter cada vez mais espaço para compartilhar suas próprias convicções — prática denominada como *pós-verdade* por Tesich (1992) —, passando a questionar o que é elencado como verdade pelos jornalistas profissionais, sobretudo diante da polarização política e de ataques à ciência. Entre os principais alvos, nos últimos anos, estavam funcionários da TV Globo e de emissoras afiliadas — entre repórteres e repórteres cinematográficos, profissionais que trabalham nas ruas e que passaram a registrar os episódios violentos sofridos por eles e pelos colegas.

Diante da premissa das redações de Jornalismo de que o jornalista, geralmente, não é notícia, nesta pesquisa fez-se necessário quebrar este paradigma para ouvir quem sofreu ou narrou um episódio agressivo na tela da TV, e dar voz a quem trabalha sob o medo e ameaças. Deste modo, buscamos entender o que mudou na rotina dos profissionais da imprensa para garantir a segurança e a notícia. Há diferenças na captação dos materiais, na cautela durante a gravação e nas relações interpessoais dos jornalistas? Por meio da

metodologia de entrevistas<sup>2</sup> — cuja realização foi precedida por apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) — foram ouvidos cinco profissionais da equipe de jornalismo da TV Globo e afiliadas — entre vítimas e narradores de episódios violentos, além de um chefe de produção da emissora — para compreender o que mudou na rotina produtiva e no dia a dia dos comunicadores, diante do aumento na frequência dos ataques às equipes de reportagem.

A entrevista é necessária para garantir a pluralização de vozes e a democratização da informação. Para Garrett (1981), é uma arte de ouvir, perguntar e conversar, promovendo um envolvimento do entrevistador e de quem responde às questões. Segundo Seidman (1991), entrevistamos não apenas para encontrar respostas, mas para tentar compreender histórias e reflexões, os significados que os entrevistados atribuem a elas e, por fim, encaixá-las no contexto pesquisado. Para esta pesquisa, utilizou-se o modelo de entrevista semiestruturada que, para Manzini (1990/1991, p. 154), é focada em um assunto sobre o qual fazemos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões que surgem ao longo do diálogo. Assim, as informações surgem de maneira mais livre, sem condicionamento a padrões de respostas. Para Triviños (1987, p. 146), a entrevista semiestruturada se apoia em hipóteses básicas do tema de pesquisa, mas dá frutos a novas ideias surgidas a partir das respostas.

Para além da entrevista, recorreremos também a um arcabouço teórico para compreender as investidas violentas contra a imprensa e o histórico de mudanças no processo produtivo, sobretudo televisivo, até chegar aos relatos de profissionais da TV Globo, ouvidos nesta pesquisa. Também utilizamos como método a Análise Documental, que consiste na avaliação de documentos de diferentes fontes e formatos (Fonseca, 2002), para identificarmos e correlacionarmos ações importantes na defesa da imprensa, promovidas por veículos de comunicação e entidades ligadas ao Jornalismo, com a discussão promovida neste artigo.

### **Ações para garantir a segurança de jornalistas e a liberdade de imprensa**

Após o assassinato do jornalista Tim Lopes, considerado um marco da violência contra a imprensa no Brasil, veículos de comunicação passaram a investir na segurança

---

<sup>2</sup> As entrevistas foram realizadas durante pesquisa de mestrado na UFJF, sob orientação da professora doutora Iluska Maria da Silva Coutinho, e estão disponíveis na íntegra em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/15949>. Acesso em 22 dez. 2024.

dos profissionais, implementando, por exemplo, o uso de coletes e veículos blindados, e acrescentaram treinamentos à rotina de trabalho dos jornalistas. Ramos e Paiva (2007) explicam que os repórteres passaram a decidir nas ruas o que seria seguro ou não fazer, mesmo que isso signifique um prejuízo na produção da notícia. Para as autoras, após o assassinato de Tim e a ocorrência de outros casos violentos, cresceu a necessidade de estabelecer um padrão de comportamento dos profissionais nas ruas.

Equipamentos adequados à situação de cada cidade — coletes, carros blindados, rádios — representam uma importante medida para diminuir a chance de se tornarem vítimas. [...] Mas o passo fundamental, já identificado pelos próprios jornalistas, é o estabelecimento de padrões claros de comportamento, que sejam conhecidos por todos os profissionais da empresa. Esses padrões devem ser construídos através do diálogo permanente e franco entre repórteres, editores e executivos de mídia. É preciso avançar além do reconhecimento da segurança do profissional de imprensa como um problema a ser resolvido (Ramos; Paiva, 2007, p. 107).

Três anos após o assassinato de Tim Lopes, a Federação Internacional dos Jornalistas — criada em 1926 para garantir a liberdade de imprensa — lançou o manual *Notícias em vivo – Manual de proteção para jornalistas*, com o objetivo de diminuir as vítimas em coberturas de guerra e em locais de risco. O crescimento da violência contra jornalistas acendeu um alerta em organizações internacionais e nacionais, que também passaram a criar manuais e relatórios de proteção aos profissionais em coberturas de risco. A *International Resource for Impact and Storytelling* (Iris) publicou o relatório *Fortalecimento dos recursos de segurança e proteção para narradores de histórias visuais e jornalistas*<sup>3</sup> — tradução nossa. O documento destaca que, em muitos lugares, a câmera é considerada uma arma e os profissionais da imprensa enfrentam riscos de retaliação por quem se sente ameaçado pelas narrativas construídas pelos jornalistas. O relatório aborda, também, o papel do governo e da sociedade para a promoção de políticas contra a violência contra os profissionais da imprensa. Um *Manual de Segurança para Jornalistas*<sup>4</sup> utilizado no mundo todo é o do Comitê de Proteção a Jornalistas — organização independente e sem fins lucrativos. A mesma instituição criou em 2019 o *Kit de Proteção Digital*<sup>5</sup>, com estratégias de proteção de contas, dados e informações apuradas de jornalistas na internet e nos equipamentos eletrônicos.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://saferstorytellers.org/>. Acesso em: 11 out. 2024.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://cpj.org/pt/2014/06/journalist-security-guide/>. Acesso em: 11 out. 2024.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://cpj.org/pt/2019/10/kit-de-seguranca-digital/>. Acesso em: 11 out. 2024.

Se nos anos 2000, o maior gargalo enfrentado pelos jornalistas estava nas coberturas em zonas das cidades consideradas de risco pelas redações e pelas forças de segurança, principalmente a partir de 2013 as manifestações também se tornaram áreas perigosas para os profissionais. Foi quando a TV Globo, por exemplo, retirou as marcas da emissora de circulação. Os repórteres passaram a utilizar microfones sem canoplas<sup>6</sup>, veículos sem adesivos e, em determinadas situações, passaram a gravar ou entrar ao vivo do alto de prédios ou em locais que oferecessem maior segurança — ações praticadas até hoje a depender dos assuntos das reportagens e dos locais de captação. Apesar do número considerável de episódios violentos contra jornalistas contabilizados entre 2013 e 2015, provocados principalmente pelas manifestações realizadas no país, os records foram registrados em 2020 — 428 casos — e em 2021 — 430 ocorrências. Neste período, os casos violentos passaram a acontecer, também, na internet ou foram organizados por meio das plataformas de redes sociais digitais. No Brasil, uma série de cartilhas e documentos orientativos também foram publicados. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e o Observatório de Liberdade de Imprensa da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) lançaram a *Cartilha sobre medidas legais para a proteção de jornalistas contra ameaças e assédio online*<sup>7</sup>. A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) criou o *Guia de Proteção a Jornalistas na Cobertura Eleitoral*<sup>8</sup>, com orientações básicas de segurança para profissionais da mídia na cobertura das eleições de 2022.

Se a imprensa recebeu simbolicamente o título de Quarto Poder — por defender os interesses da população e cobrar os poderes da República — em sua missão diária, passou a ser monitorada e fiscalizada por parte do que se entende como um Quinto Poder, expressão denominada por William H. Dutton (2009) para conceituar o público conectado na internet, que dá forma à mídia digital. As *affordances* (Gibson, 1977) das plataformas digitais, possibilidades permitidas pela tecnologia, abriram espaço para o posicionamento do internauta. Uma parcela desses novos consumidores de conteúdo não mais aceita o que é narrado como verdade pelo telejornalismo, já que têm acesso a inúmeras outras versões do fato pela internet e também tem o poder de publicar as suas próprias. No entanto, em um espaço onde nem tudo é apurado e checado, a verdade deixa de ser tão importante

<sup>6</sup> acessórios utilizados nos microfones para identificar a emissora utilizando uma logomarca.

<sup>7</sup> Disponível em: [abraji.org.br/help-desk/cartilha-sobre-medidas-legais-para-a-protecao-de-jornalistas-contrameacase-assedio-on-line](http://abraji.org.br/help-desk/cartilha-sobre-medidas-legais-para-a-protecao-de-jornalistas-contrameacase-assedio-on-line). Acesso em: 11 out. 2024.

<sup>8</sup> Disponível em: [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/09/2022\\_guia-FENAJ-deprotec%CC%A7a%CC%83o-jornalistas.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/09/2022_guia-FENAJ-deprotec%CC%A7a%CC%83o-jornalistas.pdf). Acesso em: 11 out. 2024.

quanto o que se imagina como verdadeiro, como definiu Tesich (1992) a partir do conceito de *pós-verdade*. Tal fenômeno pode ser considerado como uma das causas de inúmeros episódios violentos contra a imprensa no Brasil nos últimos anos. Durante a pandemia da Covid-19, em meio ao negacionismo, a imprensa passou a ser atacada por defender a ciência, enquanto o governo federal, à época liderado por Jair Bolsonaro, promovia os ataques a jornalistas, fortalecendo costumes e convicções pessoais.

Uma ação significativa de veículos de comunicação em maio de 2020 foi a retirada dos jornalistas que faziam a cobertura presidencial em um *cercadinho* do Palácio da Alvorada — residência oficial do Presidente da República — após uma escalada de ataques verbais e hostilidades, cometidas por Bolsonaro e apoiadores, aos profissionais da imprensa que faziam a cobertura do lado de fora do prédio. De acordo com a Abraji, essa não foi a primeira vez que a imprensa reagiu coletivamente à atitude de um presidente. No final da Ditadura Militar, em 1984, repórteres fotográficos baixaram suas câmeras durante a passagem do presidente João Baptista Figueiredo, em protesto às grosserias do governante. Em algumas pautas, a opção da TV Globo e suas afiliadas ainda é enviar produtores com celular para a gravação de imagens e até mesmo entrevistas, de modo a garantir a discrição e a integridade das equipes, como explica o chefe de produção da Mesa Rede do Jornal Nacional:

Certamente, em alguns tipos de cobertura, as equipes tiveram que ter um cuidado redobrado, evitando a exposição a riscos impostos por grupos extremistas. Em alguns casos, procurando usar veículos sem identificação da emissora. Ou, muitas vezes, optando por usar produtores com celulares para captar imagens que antes seriam feitas por repórteres cinematográficos (Nery, 2023).

Depois das eleições de 2018, com o agravamento da violência contra a imprensa — sobretudo após a vitória e o início do mandato do então presidente Jair Bolsonaro, a TV Globo e suas afiliadas passaram a utilizar carros sem adesivo na maioria das pautas e não somente durante manifestações, e contrataram seguranças para resguardar os prédios das emissoras e as equipes nos dias de protesto e nas coberturas eleitorais.

No caso dos “Guardiões do Crivella” — noticiado no Jornal Nacional em 2020 — as equipes de reportagem eram impedidas de abordar as reclamações dos pacientes sobre os problemas no atendimento de saúde na porta dos hospitais. O repórter da TV Globo Ben-Hur Correia, que foi vítima de agressões verbais e impedido de entrar ao vivo na porta de um hospital, explica que a equipe precisou trabalhar com seguranças contratados por um

período: “Eu nunca tinha visto isso em nenhuma televisão do mundo” (Ben-Hur, 2023). De acordo com Ben-Hur, a equipe foi treinada pela emissora para lidar com possíveis conflitos durante as gravações e entradas ao vivo nas ruas.

Depois desse episódio [Guardiões do Crivella], a gente teve dois cursos de defesa e de estratégias de conflitos com especialistas, sobre o que fazer, por exemplo, em momentos de tensão, quando a equipe é atacada. O que fazer no momento de uma manifestação um pouco mais agressiva. Isso aconteceu tanto antes da eleição de 2020 quanto no período pré-eleição de 2022 (Ben-Hur, 2023).

Segundo o jornalista Paulo Renato Soares, da TV Globo, “todo mundo ficou mais atento, você passa e a pessoa xinga, você não evita que isso aconteça, mas você pode tentar impedir que tome uma escalada, não reagindo” (Soares, 2023). O repórter da TV Integração — afiliada da Globo em Minas Gerais — Arcênio Corrêa, agredido fisicamente na cidade de Prata em 2020, explica que uma das estratégias de segurança adotadas por ele na rua é conseguir proteção de paredes antes de fazer gravações ou entradas ao vivo: “em momentos de vivo, sempre eu optava por um lugar onde tinha parede, onde tinha algo que eu pudesse me desvencilhar e me dar segurança” (Corrêa, 2023).

Durante a cobertura eleitoral de 2022, a TV Integração também orientou seus profissionais sobre como agir em episódios violentos em um manual (Quadro 1).

**Quadro 1:** Orientações da TV Integração para a segurança dos jornalistas nas eleições de 2022

- Evite retrucar: boa parte dos agressores acabam desistindo da violência, seja ela verbal ou física, desde que não seja alimentada;
- Mantenha distância de situações violentas;
- Encerre seu trabalho e avise seu superior se sua avaliação for de risco à sua integridade, da equipe e do patrimônio da empresa;
- Em caso de ferimento, procurar atendimento médico. Ressalta-se a necessidade da elaboração de exame de corpo de delito. Na hipótese de não ser possível realizá-lo, o prontuário médico servirá como exame pericial indireto;
- Caso se verifique a necessidade da intervenção policial, disque o número 190, a ligação é gratuita;
- Entre em contato com o setor Jurídico da emissora;
- Com o apoio do Jurídico, solicite o registro da ocorrência para demais providências da emissora;
- Procure testemunhas no local;
- Orientado pelo jurídico, o comunicador deverá narrar o fato com riqueza de detalhes; É recomendável que todo e qualquer ato irregular seja gravado pelo aparelho profissional ou próprio sempre que possível.

Fonte: Manual TV Integração Eleições 2022. Adaptado pelo autor, 2024

Diante do aumento de episódios desse tipo, a imagem do ataque tornou-se materialidade importante, como abordaremos a seguir.

### Os registros audiovisuais das agressões como materialidade fundamental

Os registros audiovisuais dos episódios agressivos contra equipes de reportagem se tornaram frequentes, seja por meio de celular ou pelos próprios equipamentos da emissora, e passaram a contribuir para respaldos jurídicos e narrativas noticiosas. A recomendação dos próprios veículos é de que os profissionais ameaçados ou agredidos tentem, dentro das possibilidades cabíveis, filmar a ação violenta. Um exemplo da importância do registro audiovisual vem do episódio agressivo sofrido pelo repórter Arcênio Corrêa, da TV Integração, em 2020, na cidade mineira de Prata (figura 1). A equipe fazia a gravação de uma reportagem sobre as deficiências no atendimento de saúde em um hospital da cidade. O episódio foi registrado pela câmera profissional da própria equipe.



**Figura 1:** Agressão ao repórter da TV Integração Arcênio Corrêa  
Fonte: Globoplay (2023). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8981784>.  
Acesso em: 12 mar. 2023.

Segundo Arcênio, a gravação foi um processo natural por parte da equipe.

Ele começou a gravar essas imagens aleatórias da rua, da fachada do hospital, do pronto atendimento. E aí na hora em que ele virou e começou a ver aquela movimentação estranha de várias pessoas ali, ele fixou a imagem para o meu lado. O “espírito” já começava a contar que ali poderia acontecer alguma coisa e ele permaneceu ali com aquela imagem parada, mais aberta. Uma imagem aberta daquela situação (Corrêa, 2023).

De acordo com o repórter, a imagem da agressão chamou atenção de muitos veículos de imprensa, fazendo com que o fato virasse notícia em poucos minutos.



O Stanley [repórter cinematográfico] fez a captura da imagem da câmera e mandou para a TV. Passaram cinco minutos e a minha vida tinha virado de cabeça para baixo. [...] A TV Integração já entrou com as imagens, aí já tinha rádio, TV, várias emissoras do Brasil inteiro, falando sobre o assunto. E começou a aparecer: primeiro no MG1, depois no Jornal Hoje, no G1. Promotor de justiça me ligando, ligação do Estado, procurador federal, juízes, advogados. A imprensa querendo falar comigo, as associações de jornalistas, imprensa de fora do país (Corrêa, 2023).

Para o repórter, o registro audiovisual evita injustiças contra os profissionais da imprensa, resguardando o trabalho e os direitos do jornalista. De acordo com Arcênio, de posse das imagens, foi possível instaurar processos contra os agressores na justiça.

No caso conhecido como “Guardiões do Crivella”, as imagens produzidas pelas câmeras profissionais da TV Globo nortearam toda uma narrativa de denúncia contra o poder público. Por meio dos registros audiovisuais, materialidade fundamental para a narrativa, foi possível identificar os funcionários públicos da prefeitura do Rio de Janeiro que “batiam ponto” na porta dos hospitais para impedir o trabalho dos jornalistas, na função de exibir as reclamações dos pacientes sobre o atendimento de saúde na cidade.

Para o repórter da TV Globo Ben-Hur Correia, que foi vítima do episódio “Guardiões do Crivella”, a câmera e o microfone, os equipamentos de captação, resguardam as equipes de reportagem.

Esse uso defensivo de equipamento de imprensa, como “armas”, como objeto de defesa, vem como documentação do jornalista. É só a gente observar jornalistas que cobrem áreas de conflito. Marcos Uchôa sempre fala isso: que a câmera e o microfone são as minhas proteções nesse momento em que eu estou cobrindo um conflito. [...] É engraçado isso, eu ter que comparar a situação da gente aqui com uma situação de zona de conflito, mas é mais ou menos isso: o uso que a gente faz dos nossos objetos de profissão. Eles já têm essa característica de serem defensivos para a gente. Eu não vejo como algo muito novo. A gente já sabe usar isso, a gente já sabe fazer isso. [...] É instintivo (Ben-Hur, 2023).

Contudo, mesmo com tamanha importância da imagem, evidenciada pelos profissionais, um episódio pode ganhar visibilidade e valor-notícia sem um registro audiovisual. Para o Chefe de Produção da Mesa Rede do Jornal Nacional, Rogério Nery, nem sempre o flagrante do fato é o principal critério de noticiabilidade.

Em alguns casos, tudo o que se tem é o relato, uma queixa na polícia, mas nenhum material audiovisual disponível. Então, o registro em nota seca [ou nota simples] é importante, mesmo sem as imagens. Por isso, é difícil ter uma regra. Talvez a única regra seja a regra da melhor informação (Nery, 2023).

O ato de registrar um episódio violento e as estratégias para garantir a segurança das equipes causaram impactos no processo de produção da notícia, como abordaremos a seguir.

### **Impactos no processo de produção da notícia**

Para evitar a agressão a um jornalista, alguns veículos de comunicação orientam que as equipes de reportagem precisam respeitar limites — e têm autonomia para isto. Para Silvia Ramos e Anabela Paiva (2007, p. 107), “a consciência deste risco torna-se cada vez mais aguda e, atualmente, tem impacto na própria qualidade do jornalismo”.

Com as equipes distantes do fato, captando imagens do alto dos prédios ou com celular, detalhes do que está acontecendo são perdidos, sobretudo, os que poderiam gerar furos de reportagem — materiais diferenciados em relação a outros veículos de comunicação.

Com tais limitações, até mesmo veículos de comunicação com grande aporte logístico e de infraestrutura, como carros e equipamentos de última geração, acabam enfrentando barreiras para produzir a notícia, diante do prejuízo à liberdade de imprensa.

O repórter cinematográfico da TV Globo em São Paulo, Leandro Matozo, acredita que as ações de segurança, por mais necessárias que sejam, prejudicam a credibilidade das equipes e podem promover distanciamento.

Você chega com uma câmera, você e o repórter no lugar, você tem um tipo de recepção. Chegam você, o repórter e dois seguranças, você tem outro tipo de recepção. Você chegar no local com a canopla do microfone, com o logo da emissora no carro, você tem um tipo de abordagem. Mas se você chegar com o carro sem nada, é outra (Matozo, 2023).

Para Matozo, o prejuízo à imagem do Jornalismo profissional nos últimos anos, sobretudo da TV Globo — diante dos ataques sofridos por motivações políticas —, afetou diretamente a rotina das gravações.

Em alguns lugares públicos que você vai gravar, você começa a perceber um tratamento melhor para emissora A ou B. Você vai usar um banheiro e dizem que está quebrado. [...] Se íamos a um posto de gasolina e era só dar um “joia” para gravar, agora dizem que “tem que ver direitinho” (Matozo, 2023).

Em um dos episódios promovidos pelos “Guardiões do Crivella”, o repórter Ben-Hur tentava fazer uma das entradas ao vivo quando foi impedido pelos agressores e acabou desistindo da reportagem.

Segundo Ben-Hur, a gravação feita pelo próprio agressor no momento dos ataques foi uma afronta ao trabalho exercido por ele. “Como eu saí da ação, eles disseram: ‘a gente está expulsando, a gente está expulsando’ e vieram para cima e, quando vi essa imagem circulando pelas redes sociais, eu classifiquei como uma derrota profissional” (Ben-Hur, 2023). Ben-Hur explica que, após os episódios, passou a agir de modo a garantir a produção da notícia na sua integralidade.

Eu fico monitorando as laterais, pensando qual é o local que eu posso fazer, onde tudo vai sair perfeito, onde consigo dar a minha mensagem até o final e isso não vai ser prejudicado. [...] Se você não chega no fim de uma entrada ao vivo, você não completou seu trabalho, não concluiu sua missão de estar ali (Ben-Hur, 2023).

O repórter da TV Integração em Minas Gerais, Arcênio Corrêa, afirma que, durante o período de aumento nos episódios agressivos, passou a treinar, em casa, como poderia lidar com as interrupções ou agressões na rua.

Eu sabia que se caso alguém jogasse uma água em mim, eu continuaria ao vivo e falando sobre aquilo de uma forma tranquila. [...] Eu treinava quando uma pessoa fosse me empurrar. [...] O papel do jornalista é fazer uma ponte. Se essa ponte quebrar, as pessoas vão continuar passando. Como elas vão passar? Nem que eu tenha uma tábua, uma mão, um poder de fala, o que eu puder fazer pra que essa pessoa continue a travessia, eu tô ali, pronto (Corrêa, 2023).

Diante dos episódios agressivos sofridos, os jornalistas passaram a lidar com inseguranças nas relações interpessoais, até mesmo fora do trabalho, e a pedir justiça.

### **“Jornalista-fala”: vozes das vítimas dos ataques à imprensa**

Os jornalistas relatam que tiveram o direito de trabalho ferido e que suas relações sociais foram impactadas. Para Arcênio, no momento da agressão pela qual passou, a preocupação não foi apenas resguardar a integridade física, mas também garantir o direito de informar.

[Um dos agressores] dizia: “você vai sair daqui sem o seu microfone e sem o seu celular porque não vai ter matéria. A gente vai acabar com isso tudo. Eu vou quebrar os seus materiais de trabalho”. E a minha forma de agir foi segurar o meu material, pensando: “você pode acabar comigo, mas os

meus instrumentos de trabalho você não vai conseguir arrancar de mim”. Como eu me fortaleci, juntando ao meu corpo os meus instrumentos de trabalho, o superintendente de cultura que estava do lado, me deu uma mata-leão (Corrêa, 2023).

Ainda sobre os “Guardiões do Crivella”, Ben-Hur explica que, para interromper o trabalho de informar, os agressores faziam o que fosse necessário.

Eles não queriam que a gente passasse informações para o público, eles queriam interromper o nosso trabalho o tempo inteiro, então eles faziam de tudo para que a gente não conseguisse chegar até o final das nossas entradas ao vivo, esse era o grande objetivo. E aí esse “fazer de tudo” implica, sim, ser violento, tanto verbalmente, quanto, às vezes, fisicamente. [...] A violência não era só direcionada à emissora, era para a pessoa física que estava ali, era para o jornalista que estava ali. [...] Eu me sentia violentado, eu me sentia agredido (Ben-Hur, 2023).

O repórter destaca que os agressores utilizam o celular para tentar intimidar os profissionais de imprensa e, ao mesmo tempo, documentar a própria agressão e compartilhar nas redes sociais: “era engraçado: já chegavam gritando, e outra pessoa, gravando no celular. Eles tinham que ter a prova pra aquele negócio viralizar, então a gente percebia essa dinâmica, sem saber que era tudo muito arquitetado” (Ben-Hur, 2023).

Para o repórter e apresentador da TV Globo, Paulo Renato Soares, os casos de violência e cerceamento envolvendo políticos acontecem há anos e perpassam vários governos, de diferentes vertentes partidárias: “você tem o cerceamento quando se nega a dar entrevista, quando se nega a responder uma lei de acesso à informação, e você tem o cúmulo do político colocando sigilo de 100 anos para não dar informação” (Soares, 2023).

O repórter cinematográfico Leandro Matozo afirmou que os ataques de 2020 e 2021 foram os mais violentos.

Desde 2013, foi piorando, foi indo ladeira abaixo. [...] As pessoas não queriam dar entrevista, alguém vinha com uma faixa atrás, mas uma faixa de apoio à Dilma, alguém ia xingar a imprensa, e alguém chegava e dizia: “não, eles estão trabalhando”. [...] [Nos últimos anos], foi completamente diferente a abordagem. A gente está falando de o cara chegar e gritar na cara de uma repórter mulher, de agredir um repórter cinematográfico idoso, de bater com um tripé, de jogar a câmera no chão (Matozo, 2023).

Matozo conta que precisou lidar com ameaças de morte, sobretudo no episódio em que foi agredido fisicamente em 2021 durante uma cobertura em Aparecida, no interior paulista: “[o agressor] falou assim: ‘se eu pudesse eu matava vocês’. Ele falou com essas palavras. Na hora que ele falou isso, o [repórter] Vitor levantou a mão e já foi na direção da

polícia. Já levantou os braços” (Matozo, 2023). Uma das principais queixas do profissional é sobre o desconhecimento a respeito das intenções das pessoas que passam observando a equipe — se o motivo é cumprimentar, apreciar o trabalho ou agredir.

Às vezes você tá na rua ali gravando, chega um sujeito e você não sabe se ele ama a TV, se ele assiste à novela, se assiste [a]o Big Brother, ou se o cara simplesmente quer ver a gente morto, entendeu? [...] eu passei a ser um cara muito mais cauteloso, até quando alguém chega para conversar sobre algum assunto (Matozo, 2023).

O profissional lamenta que esse perfil vá de encontro ao que exige o Jornalismo, que é embasado em torno das relações entre as pessoas: “esse episódio me transformou num sujeito desconfiado. E eu acho ruim isso, porque a gente é jornalista e a gente acompanha pessoas, histórias de pessoas, histórias de vida” (Matozo, 2023).

O medo e o estado de alerta acompanham diariamente as rotinas pessoal e profissional de muitos jornalistas, como destacou o repórter Arcênio Corrêa: “hoje eu tenho medo, muito medo. Às vezes eu estou fazendo um vivo e passa alguém, em alguma situação, a gente já fica ligado. Então você não descansa” (Corrêa, 2023).

Para todos os jornalistas entrevistados nesta pesquisa, casos de violência ou cerceamento à imprensa possuem critérios de noticiabilidade: “não é uma defesa de classe. A gente tá mostrando, na verdade, um ataque institucional à sociedade. É um ataque a uma instituição da sociedade que é a imprensa, que é a mídia livre” (Ben-Hur, 2023).

O repórter Arcênio Corrêa, agredido fisicamente, explica que o espaço de fala que teve ao ser entrevistado em veículos de comunicação foi importante.

Nas matérias jornalísticas nas pequenas e nas grandes emissoras, não houve fala minha. Houve a imagem do episódio que já falava por si só. Então não se cogitou essa possibilidade. [...] Mas eu fiquei feliz pelas inúmeras entrevistas que eu dei, para jornalistas, para sites. [...] Eu acho que deve ser falado, deve ser comentado, escrito, até que se torne uma lei para não cercear o trabalho dos outros (Corrêa, 2023).

O repórter cinematográfico Matozo acredita que houve omissão policial no caso em que foi vítima.

O policial tentou me convencer de uma forma sutil que não foi um flagrante. Eles viram que eu fui agredido, porque eles estavam vindo. O cara fez uma ameaça de morte com o Vitor. E aí, para amenizar a situação, eles quiseram argumentar que não. [...] E o que aconteceu? A polícia deu carona para o cara que me agrediu, de volta para o Santuário. Eu só pensei: “o que tá acontecendo aqui?” (Matozo, 2023).

O repórter Arcênio Corrêa também considerou que houve omissão policial no episódio sofrido por ele.

Daria para ter feito a prisão em flagrante. Eu acredito que sim, porque tinha o médico lá. A Polícia Militar não fez a prisão em flagrante. Eu fiquei lá meia hora esperando a Polícia Militar, numa cidade de 28 mil habitantes, sem nenhuma proteção, com o meu agressor dentro do hospital (Corrêa, 2023).

O profissional reclama da insegurança durante a rotina de trabalho da equipe de reportagem.

Ninguém chega no policial e tira os instrumentos de trabalho dele, a arma dele, só porque não gostou da maneira como ele chegou no local. Não chega dentro de um escritório de um médico e tira os aparelhos de trabalho dele. Então com o jornalista, pode? As pessoas podem tirar os materiais de trabalho dele e ficar por isso mesmo? Então são esses os meus questionamentos. E eu fico muito triste com essa impunidade (Corrêa, 2023).

Ben-Hur Correia acredita que é preciso continuar noticiando esse tipo de episódio, para denunciar o prejuízo da violência à imprensa para a democracia.

Eu acho que a gente tem que amadurecer enquanto sociedade. Os próprios jornalistas exporem as situações é uma forma de tentar amadurecer esse debate, de mostrar: “olha, não é assim que a gente dialoga numa sociedade democrática, numa sociedade desenvolvida, enfim, bem estabelecida”. Não é através de uma agressão institucional, de uma agressão pessoal aos jornalistas, que a gente vai conseguir marcar posicionamentos políticos. Então esse é um debate que tem que ser construído mesmo, aos poucos. Eu não vejo outra opção a não ser continuar mostrando, tentando criar essa consciência de que o veículo [de comunicação] não é o grande vilão da história (Ben-Hur, 2023).

Tais relatos corroboram a necessidade da participação dos veículos de imprensa, da sociedade e do poder público na defesa do livre exercício do Jornalismo, sobretudo ao cobrar direitos fundamentais, legais e constitucionais.

### Considerações finais

A partir dos protestos de 2013 os jornalistas passaram a ser agredidos em pontos diversos das cidades, por manifestantes e pelos próprios militares — que deveriam proteger os profissionais. Outro ano de destaque na violência contra jornalistas foi 2015, quando cidadãos foram às ruas para pedir a saída ou a permanência da então presidente da

República Dilma Rousseff. Entender esses marcos no histórico de violência contra a imprensa foi essencial para analisar o momento mais recente vivenciado pelos profissionais: de 2017 a 2021 os casos de ataques não pararam de crescer. A maioria dos ataques foi feita pelo então presidente Jair Bolsonaro e por seus apoiadores, que o adotaram como ídolo ou “mito” na luta contra o jornalismo profissional.

Diante de tantas investidas violentas, os profissionais de imprensa passaram a utilizar o próprio equipamento, utilizado para contar as histórias de inúmeros personagens, ou seus celulares, para gravar a violência sofrida pela própria equipe de reportagem. De acordo com os profissionais ouvidos, o ato de registrar uma violência contra a equipe é, muitas vezes, instintivo, sobretudo por parte do repórter cinematográfico, já que o papel do jornalista é documentar e reportar fatos como este. No entanto, é visível a necessidade de mais orientações por parte das empresas de comunicação para que seus profissionais possam utilizar os próprios equipamentos da equipe de reportagem ou os celulares pessoais como ferramentas de registro e documentação dessas agressões.

Os protestos de 2013 e 2015 e as eleições de 2018, 2020 e 2022 serviram de inspiração para novas recomendações, sobretudo atreladas à violência com motivações políticas. A partir das entrevistas com profissionais, pudemos evidenciar a tensão vivenciada pelas equipes nas ruas. Muitas precisaram — e ainda precisam — da companhia de seguranças. Na rotina de captação da notícia, os profissionais passaram a ter mais cautela e tomaram medidas para amenizar riscos e garantir a gravação das reportagens. A TV Globo ofereceu um curso para estratégias em conflitos. Durante a rotina de gravação, em vez dos jornalistas pensarem somente nas narrativas a serem construídas a respeito dos acontecimentos, passaram a levar em consideração estratégias para que eles mesmos não se tornassem personagens das histórias. E quando são atacados, precisam lembrar de registrar o episódio. Os profissionais relataram tensão e problemas psicológicos como um dos principais impactos na rotina. Ao mesmo tempo, em uma profissão que demanda um intenso contato com o público nas ruas, os jornalistas passaram a ficar desconfiados das pessoas.

Faz-se necessário, também, avaliar as novas formas de violência em emergência, sobretudo aquelas ligadas à desinformação, para compreender como o Jornalismo e os jornalistas estão sendo atacados na contemporaneidade. Se em 2007, Silvia Ramos e Anabela Paiva já alertavam para a necessidade de se avançar na segurança dos jornalistas a partir do diálogo entre os profissionais e executivos de empresas midiáticas, abordando

a violência contra a imprensa não como um simples problema, percebe-se que avançamos pouco diante dos recordes de casos violentos registrados nos últimos anos, com modelos diferentes de atuação dos agressores. Se os primeiros manuais de proteção a jornalistas ofereciam estratégias para a cobertura de guerras e se o repórter Ben-Hur comparou as ações rotineiras contemporâneas na reportagem com aquelas praticadas em batalhas, estamos diante de um novo cenário conflituoso que merece adaptações não apenas de cartilhas orientativas, mas nas decisões governamentais e organizacionais que garantam a proteção dos profissionais da imprensa.

## Referências

CORRÊA, A. **Arcênio Corrêa**: depoimento [jan. 2023]. Entrevistador(a): Gabriel Landim de Souza.

CORREIA, B. **Ben-Hur Correia**: depoimento [jan. 2023]. Entrevistador(a): Gabriel Landim de Souza.

DUTTON, W. Through the Network (of Networks) – the Fifth Estate. **Journal Prometheus- Critical Studies in Innovation**, V. 27, 2009.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: relatório 2020**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contra-jornalistas-e-liberdade-de-imprensa-nobrasil/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: relatório 2021**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wpcontent/uploads/2022/01/FENAJ-Relatório-da-Violência-Contra-Jornalistas-e-Liberdade-delImprensa-2021-v2.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GARRETT, A. **A entrevista, seus princípios e métodos**. Rio de Janeiro: Agir, 1981.

GIBSON, J. J. The theory of affordance. In: SHAW, R.; BRANSFORD, J. (Eds.) **Perceiving, acting, and knowing toward an Ecological psychology**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1977, p. 67-82

LANDIM, G. **Ameaças para silenciar o mensageiro: ataques e agressões aos profissionais do Jornalismo como notícia no Jornal Nacional**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 220. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/15949>. Acesso em: 22 dez. 2024.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.



MATOZO, L. **Leandro Matozo**: depoimento [dez. 2022]. Entrevistador(a): Removido para avaliação cega.

NERY, R. **Rogério Nery**: depoimento [fev. 2023]. Entrevistador(a): Removido para avaliação cega.

RAMOS, S.; PAIVA, A. **Mídia e violência**: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

SEIDMAN, I. E. **Interviewing as qualitative research**: a Guide for Researchers in Education and the Social Sciences. Columbia: Teachers College Press, 1991.

SOARES, P. R. **Paulo Renato Soares**: depoimento [fev. 2023]. Entrevistador(a): Removido para avaliação cega.

TESICH, S. A government of lies (political ethics). **The Nation**, Nova Iorque, n. 254, p. 12-13, 1992.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

**Submissão**: 12 de abr. 2024

**Aceite**: 20 de dez. 2024.